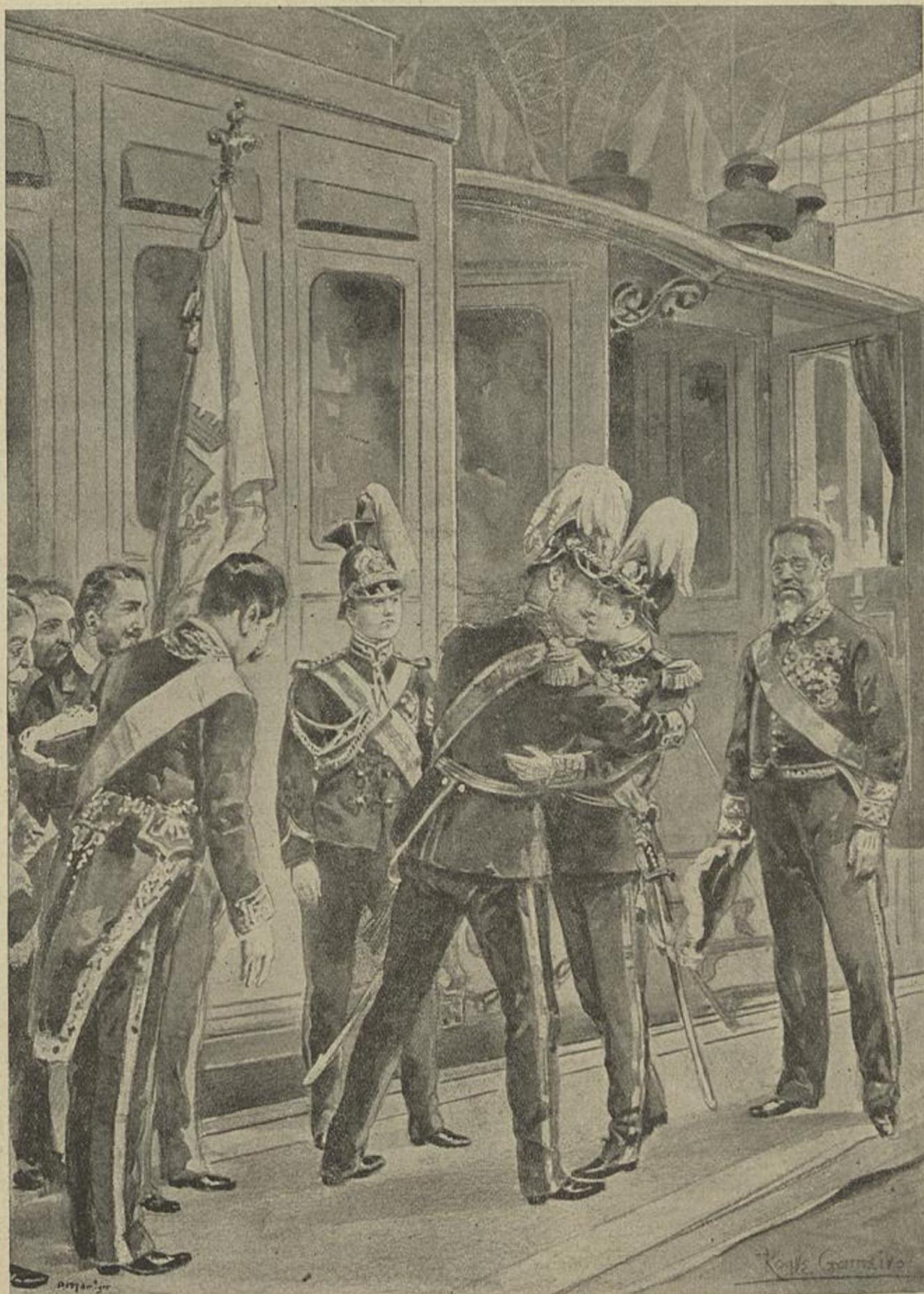
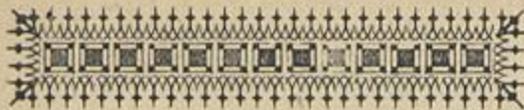
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVI Volume | 20 de Dezembro de 1903 | N.º 899

CHEGADA DE D. AFFONSO XIII A LISBOA

ENCONTRO DE S. S. M. M. EL-REI D. CARLOS I E D. AFFONSO XIII, NA ESTAÇÃO DO ROCIO

(Desenho do sr. Roque Gameiro)

CHRONICA OCCIDENTAL

O ultimo foguete é sempre uma tristeza. No dia seguinte ao das festas, uma bandeira amarella e vermelha, que em frente da minha casa tremulava ao vento do temporal, inspirava melancolia.

Tudo passou, acabou-se. Até para quem aborrece o entrudo quarta feira de cinzas parece pôr uma nuvem no céo.

Os comboios, que tanta gente trouxeram bulhenta, expandindo o jubilo da viagem cheia de esperança, voltaram, assobiando pela noite chuvosa, transportando os mesmos passageiros, mas agora tristes, desconsolados, estafados, com mais algumas desillusões e menos uns vintens no pé de meia.

Tambem el-rei de Hespanha, depois d'uns dias de mais descanço em Villa Viçosa, partiu para o seu reino, havendo tomado em Elvas o comboio, que em poucos minutos o transportou á fronteira e d'ahi a Badajoz.

Levaria algumas saudades por certo d'este reino que tão bem o recebeu e não daria por mal empregada sua primeira viagem de monarcha, aos dezesete annos senhor do sceptro, subido a um dos mais gloriosos thronos do mundo.

Não é que as festas, com que em Lisboa o receberam, se parecessem, nem por sombras, com o ainda celebre triumpho que governantes d'outros tempos decretaram a favor de Filippe III, rei de Castella, quando este reino, de que era senhor, veio visitar em 1619. D'essas ainda falam os historiadores e taes foram que o proprio rei ficou deslumbrado, acreditando finalmente que era rei. Nem mais, nem menos. Calcule-se.

As de agora foram muito prejudicadas pelo mau tempo, como aliás era justo esperar-se do asperrimo dezembro.

O céo muitas vezes mostrou querer apiedar-se dos olhares dos provincianos, que queriam divertir-se, e dos gananciosos olhares dos commerciantes de Lisboa. Mostrou-se inflexivel na ordem que déra ás suas cataractas para se despejarem e ás estrellas para se occultarem em densos véos de viuva.

Ainda assim, um pouco atabalhoadamente, o programma lá se cumpriu, embora fosse preciso juntar n'um mesmo dia a missa nos Jeronymos, o passeio a Cintra, os toiros no Campo Pequeno, a recita em S. Carlos e o fogo de vistas na Avenida. O muito pode caber em muito pouco.

Até a bordo dos navios estrangeiros surtos no Tejo algumas bonitas festas se realisaram, demonstrando as senhoras portuguezas que são descendentes dos antigos, heroicos navegadores, quando se trata d'um *five o'clock tea*.

O peor, o que mais graves cuidados a todos dava, era se seria possivel realisar-se o mais attrahente numero do programma, o que maior somma de forasteiros attrahira a Lisboa. Poucos iriam ao baile e jantares no paço; só os mais felizes arranjariam logar para a toirada e quasi egual a uma sorte grande era uma cadeira para a recita de S. Carlos. A desforra dos humildes estava nas faladas illuminações, todos desejosos de saber a que mestre caberia o premio.

Pois d'essa vez o céo de dezembro, o carrancudo céo, quiz ser patriota, como lhe cumpria, visto que tão cantado ha sido pelos poetas portuguezes.

Concedeu umas horas de serenidade, e elle tambem pôz luminarias.

A palma coube aos portuguezes, aos srs. Queiroz Velloso e Jayme da Costa Pinto, já muito experimentados n'este genero d'arte.

Conta-se que el-rei de Hespanha dissera maravilhado que nunca vira coisa tão bella.

O effeito era surprehendente e deu a todos vontade de gritar: Vivam os portuguezes!

O resto das festas realisou-se ao abrigo dos temporaes, com excepção da tourada, que, depois de addiada, correu regularmente, attendendo a que se estava no pino do inverno, e os toiros, como se diz, querem sol e moscas.

Partiram os reis para Villa Viçosa, mas não melhorou o tempo, pelo contrario. A noite de 14 para 15 foi de verdadeiro temporal e de monumentaes cargas d'agua.

Isto não obstou a que na Tapada Real se realisassem algumas das caçadas annunciadas, revelando-se el-rei de Hespanha excellente atirador.

Consta que, durante as caçadas, tiveram algumas conferencias os ministros dos negocios estrangeiros, hespanhol e portuguez. E' natural. Estas visitas regias não se fazem simplesmente por aquella delicadeza do vulgar *high-life;* teem sempre uma maior razão de ser.

O presidente do conselho, sr. Hintze Ribeiro, foi agraciado com a ordem do Tosão d'Oiro, recebendo as insignias das mãos de D. Affonso XIII a bordo do couraçado hespanhol, no dia em que el-rei sr. D. Carlos ali foi almoçar. Foi feita a investidura com todo o cerimonial do estylo, e a graça concedida ao sr. presidente do conselho tem, não só para elle mas para todo o paiz, uma alta significação.

Muitos jornalistas hespanhoes acompanharam D. Affonso a Lisboa e foram com a delicadeza devida, recebidos pelos seus collegas lisbonenses. Estiveram entre nós representantes dos jornaes *Epoca, Heraldo, Diario Universal, Ultima Hora, Correspondencia de España*, e *Globo*.

O sr. Marquez de Valdeiglesias, director da *Epoca*, instou com alguns dos seus collegas lisbonenses para que fossem a Madrid quando das celebradas festas de San Isidro que se realisam em maio.

Foi El-rei D. Affonso XIII quem afinal veio inaugurar em Lisboa a estação de inverno. Não nos referimos á impertinente chuva, que já cá estava, mas á abertura do theatro de S. Carlos, para o qual o sr. Pacini contractou uma companhia que muito ajudou ao enthusiasmo dos que assistiram á recita de gala, primeira d'esta epoca lyrica.

Eis o theatro aberto, eis os chronistas das secções elegantes a postos com suas casacas, suas gravatas brancas, e monoculos assestados com ar triumphante. São elles quem n'aquelle recinto teem maior trabalho, muito maior que o dos criticos musicaes, sendo o theatro muito mais para exhibição de elegancia do que para audição de coisas d'arte.

Em todo o caso é alegre ver S. Carlos com suas portas abertas e ha mais uma hora de animação no Chiado.

Os outros theatros não lhe quizeram ficar á rectaguarda e de duas primeiras recitas temos de fazer menção: no theatro D. Amelia a peça *O heroe ao dia*, traduzida por Alberto Braga e no theatro de D. Maria uma nova peça original de Julio Dantas, *Um sarão nas Laranjeiras* que deve representar-se na vespera do Natal.

Os outros theatros tambem vão luctando e até o proprio theatro do Rato apresenta este anno uma companhia com alguns artistas de merito que representaram uma revista do anno, original de Esculapio.

Lucta-se, mas nem sempre a sorte protege os artistas em Portugal.

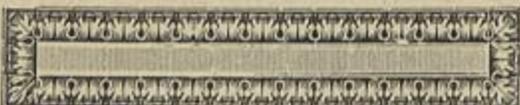
Ainda no domingo o actor Gama representou no theatro de D. Maria e já na quinta feira os jornaes annunciavam a sua morte.

Ha muito que elle andava desgraçado, minado pela doença e por uma profunda tristeza. Fôra actor de recursos e chegára a alcançar no Porto fama de excellente artista. Veiu para Lisboa, mas, fosse qual fosse a causa, nunca o vimos revelar as aptidões que o impuzeram como de muito valor ao publico portuense. Desgostos talvez por se ver fóra do meio em que era querido, talvez desanimo para novamente começar a conquista da reputação.

São pequeninos dramas a que assistimos e tão vulgares que já os olhos os não vêem.

Dramas não faltam e alguns pungentissimos. Vejam o d'esse homem, que depois de haver conseguido com seu trabalho um pequenino peculio, umas terrinhas que amanhava, depois de muito gastar com a doença da mulher, se viu obrigado a abandonar os filhos e a trazer a coitada para o hospital. E foi uma lucta em que se lhe quebrou toda a energia. Quando os medicos lhe disseram que era forçoso amputar o braço á doente, o homem não poude com tamanha dôr, e perdendo o juizo, poz-se a andar por Lisboa, a fazer disparates.

Scenas de miseria. Agora que já acabaram as festas podemos falar d'isto.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. FAUSTINO RODRIGUEZ S. PEDRO

E' ministro actual no gabinete que dirige os destinos da nação visinha.

Figurou no sequito de S. Magestade D. Affonso XIII na qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, tendo já dirigido com superior talento a pasta dos negocios da fazenda.

Entrou de novo agora no ministerio depois da crise politica que chamou ao poder D. Antonio Maura.

Conta 73 annos de idade.

Formou-se em direito na universidade de Madrid, e occupou no primeiro *ajuntamiento* da cidade, depois da proclamação de D. Affonso XIII, o logar de vereador em que se houve por forma distincta.

Tem muitos trabalhos que provam a sua erudição e o seu valor como homem de sciencia, sendo tambem um parlamentar distincto e um orador eloquente.

Todos estes dotes juntos a um caracter nobilissimo justificam a distincção e a consideração em que por todos é tido o actual ministro dos negocios estrangeiros, de Hespanha.

D. LUIZ POLO BERNABÉ Y PILON

Distinguindo-se no cargo de representante da Hespanha em Washington, durante a guerra hispano-americana a forma digna e habil como se houve n'aquelle espinhoso logar tornaram o sr. D. Luiz Polo Bernabé um dos vultos mais em evidencia em Hespanha, sendo o seu regresso a Madrid o pretexto d'uma verdadeira manifestação de sympathia da parte de todas as classes sem distincção de côr politica.

A sua carreira diplomatica é a affirmação do seu grande valor como funccionario, demonstrando em muitos casos os altos dotes intellectuaes que o exornam e a grande sagacidade e illustração do seu bello espirito.

Em Lisboa, onde S. Ex.ª exerce actualmente o cargo de ministro de Hespanha, são unanimes as sympathias que disfruta, especialmente entre o corpo diplomatico, onde o sr. D. Luiz Polo Bernabé tem um dos logares mais proeminentes.

D. JUAN DE CASTRO

Ha 24 annos que exerce o logar de consul em Lisboa, tendo demonstrado sempre no desempenho do seu logar as mais evidentes provas da forma correcta e habil como se sabe condnzir sem menosprezo da sua dignidade, demonstrando os seus merecimentos de funccionario illustrado.

E' longa a lista dos serviços prestados ao seu paiz, e começando a sua carreira por encarregado do consulado geral de Bayona em 1862, na época tão cortada de sobresaltos que assignalaram a subida ao throno de D. Affonso XII, poude com são criterio e nobre integridade desempenhar aquelle cargo, vindo pela primeira vez a Lisboa na qualidade de secretario do ministro das obras publicas por occasião da visita que a ex-rainha Isabel II fez a Portugal.

O sr. D. Juan de Castro é, em todos os seus actos, quer officiaes quer particulares, um homem affavel, de maneiras captivantes e digno da consideração de todos que com elle privam ou se relacionam.

VISITA DE S. M. D. AFFONSO XIII A LISBOA

Como fôra determinado no programma official dos festejos, celebrados em Lisboa em honra do rei de Hespauha, o comboio conduzindo o joven monarcha hespanhol e a sua comitiva chegou á estação do Rocio á 1 hora da tarde do dia 10.

Ali aguardavam-o Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Sua Alteza o Principe Real, acompanhados por toda a côrte, casa militar e civil d'El-Rei, camaras dos pares e deputados, commissão administrativa municipal, etc.

Apenas o comboio real entrou nas agulhas a banda da guarda municipal rompeu com o hymno hespanhol e, segundos depois, D. Affonso XIII cahia nos braços de El-Rei o sr. D. Carlos, seguindo-se os cumprimentos officiaes e a allocução pronunciada pelo sr. conde d'Avila, como presidente da commissão administrativa da camara municipal, nos seguintes termos:

«SENHOR.—A muita alta distincção que Vossa Magestade se dignou fazer a Portugal, escolhendo-o para a primeira visita official, depois da fausta ascenção de Vossa Magestade ao throno e de ter assumido a suprema magistratura da fidalga e heroica nação hespanhola, enche de justificado jubilo a cidade de Lisboa, que a aprecia na sua elevadissima significação, para as duas nações visinhas e amigas e que acolhe a Vossa Magestade com o mais sincero, com o mais profundo reconhecimento.

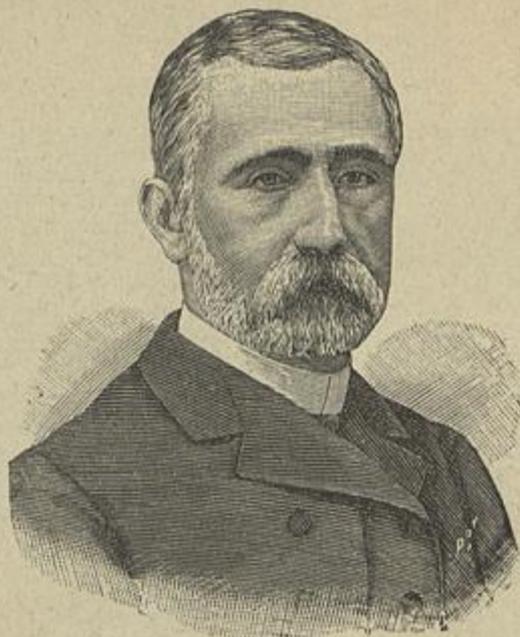
«Senhor! Permitta Vossa Magestade que, em-

nome da cidade de Lisboa, eu tenha a muito subida honra de apresentar a Vossa Magestade as mais cordeaes saudações de boas vindas e as mais respeitosas homenagens, inteiramente convicto de que interpreto fielmente, não só os sentimentos dos habitantes da capital do reino, mas os de todos os portuguezes.»

D. Affonso XIII respondeu:

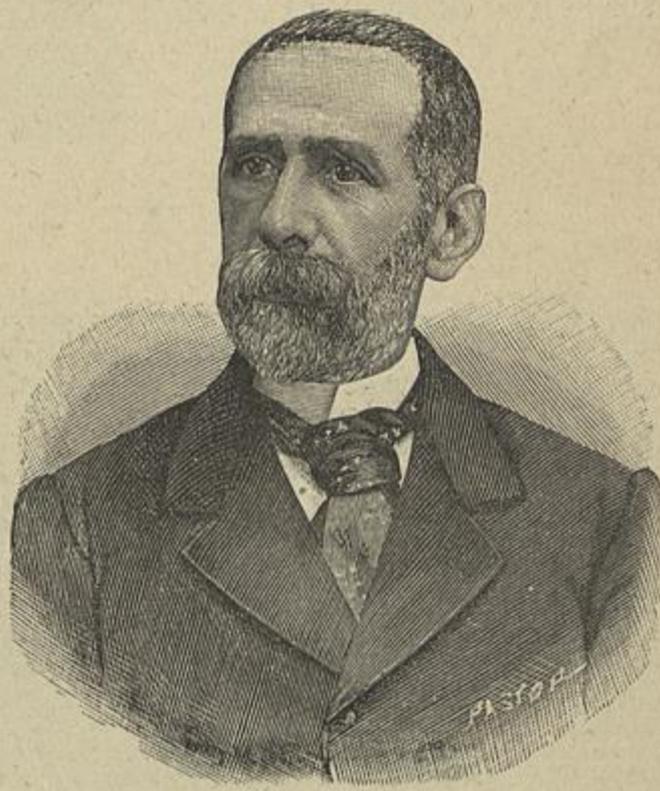
«Recibo con singular agrado el saludo de bien venida que en nombre de la cultissima ciudad de Lisboa e intrepretando los sentimientos de todos los portuguezes, habeis tenido la bondad de dirigir-me.

«Al elegir para mi primera visita, despues de haber asumido el poder que la herancia y la Constituicion me outorgan en la Nacion española, la ciudad de Lisboa, tuve muy en cuenta la predilecion que mi Augusto Padre sentió siempre por la noble e hidalga nacion portugueza y la estrecha y leal amistad que le unió durante toda su vida á S. M. el rey Don Luiz y que yo professo á vuestro actual Monarca, predilection y amistad robustecidas es cierto, por nuestros sentimientos personales, pero engendrados por los lazos que unem á las dos naciones vecinas y amigas.

«Haced presente, pues, á vuestros administrados y a todo el generoso pueblo portuguez mi profunda gratitud por la cordial acogida que me dispensaes, y creed que vuestras sinceras homenajes han de acrescentar los leales sentimientos de amistad, que España intera profesa a esta heroica e esclarecida Nacion.»

D. FAUSTINO RODRIGUES SAN PEDRO

Ministro dos Estrangeiros que acompanhou S. M. D. Affonso XIII

D. LUIZ POLO BARNABÉ Y PILON

Ministro de Hespanha em Lisboa

D. JUAN DE CASTRO

Consul de Hespanha em Lisboa

Em seguida todos que estavam presentes desceram as escadarias e por ellas se collocaram em alas até que D. Affonso XIII acompanhado por El-Rei o sr. D. Carlos e Principe Real e seguidos pelas comitivas, passaram, para entrar nos coches, que lhes estavam destinados.

O cortejo organisou-se pela seguinte fórma:

A' frente 4 primeiros sargentos de cavallaria n.º 2, servindo de batedores; apoz, um esquadrão do mesmo regimento sob o commando do capitão Borges de Castro, seguindo-se-lhe depois 6 moços de estribeira e os 8 coches conduzindo os seguintes dignitarios:

1.º — D. José Grinda, coronel Duval Telles, major Antonio Guerreiro e capitão Antonio Waddington.

2.º — D. Manuel Zarco del Valle, visconde d'Asseca e conde de Arnoso.

3.º — Conde de Aybar, marquez d'Alvito e contra-almirante Guilherme Capello.

4.º — D. Ramon Pina y Millet, D. Henrique Blanco e conde de Tarouca.

5.º — General D. José de Harcourt, conde de Andiwd e conde da Figueira.

6.º — Marquez de Polavieja, conde de Roman, duque de Loulé e general Francisco Maria da Cunha.

7.º — Ministro de estado D. Faustino Rodriguez San Pedro, duque de Sotomayor e conde de Sabugosa.

8.º — Suas Magestades El-rei D. Carlos e el-rei D. Affonso XIII e Sua Alteza o Principe real.

A' estribeira do coche real que conduzia Suas Magestades, seguia o general sr. Horonato de Mendonça, commandante da brigada de cavallaria, acompanhado dos seus ajudantes.

Fechava o cortejo o regimento de cavallaria 4, sob o commando do sr. coronel Mousinho d'Albuquerque.

Ao desfile do cortejo foram levantados enthusiasticos vivas e as bandas dos regimentos que constituem a 2.ª brigada, sob o commando do sr. general Kuchenbuch dos Prazeres, tocaram o hymno hespanhol.

O cortejo chegou ás 4 horas e um quarto ao Paço de Belem, sendo D Affonso XIII recebido na sala das Bicas por Sua Magestade a Rainha sr.ª D. Amelia acompanhada das sr.ªˢ marquezas de Faval, de Pombal e Castello Melhor, condessas de Belmonte, de Figueiró, de Sobral, de Tarouca e Seisal, D. Isabel Saldanha da Gama e D. Maria Eça de Menezes e pelos srs. condes de Figueiró e Ribeira Grande, D. Vasco da Camara Belmonte e veadores.

D'aqui passou D. Affonso XIII á sala de recepção, onde recebeu os cumprimentos do ministerio e altos dignitarios da côrte, retirando-se Suas Magestades para o Paço das Necessidades.

A's 5 horas da tarde D. Affonso XIII dirigiu-se ao Paço d'Ajuda a cumprimentar a Rainha sr.ª D. Maria Pia, voltando ao Paço de Belem, d'onde tornou a sahir ás 7 ³/₄ para assistir ao jantar de gala dado em sua honra, e que se realisou no Paço d'Ajuda com a assistencia de Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, Principe D. Luiz Filippe, ministro de Hespanha e esposa, corpo diplomatico, casa civil e militar d'El-Rei e legação de Hespanha.

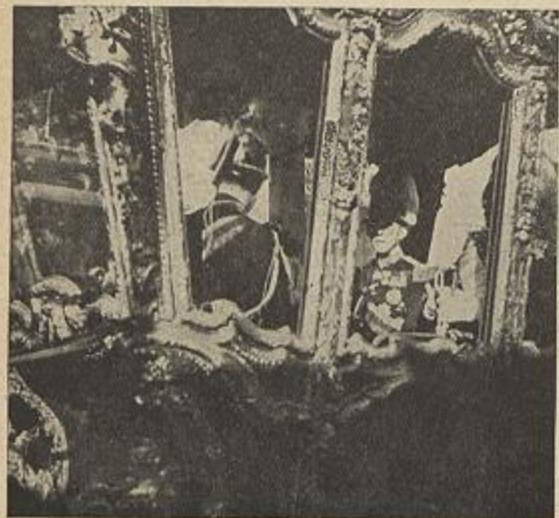
Ao *toast* Sua Magestade El-Rei pronunciou um eloquente brinde em francez referindo-se ás relações de amisade que o ligavam ao finado rei D. Affonso XII e a Sua Magestade a Rainha D. Maria Christina, ao qual agradeceu D. Affonso XIII, affirmando a amizade de Hespanha para com Portugal, e que durante o seu reinado havia de contribuir quanto possivel para que essa amizade se estreitasse cada vez mais.

Terminou brindando á Rainha Senhora D. Amelia, a familia real portugueza, levantando um viva a El Rei.

No dia 11 realisou-se a visita do monarcha hespanhol ao museu de artilharia e ao castello de S. Jorge.

O primeiro edificio disposto para receber D. Affonso XIII ostentava de mistura com as suas galas decorativas as preciosidades historicas que ali estão guardadas na melhor ordem de asseio e conservação.

Assim na «Sala historica», o rei de Hespanha poude admirar a *maquette* da columna de Torres Vedras; as bandeiras e apetrechos militares tomados aos francezes em diversas batalhas; na «Sala de D. Maria II», a espada e o capacete que pertenceram a D. João II, uma espingarda fabricada no Arsenal do Exercito em 1869 e offerecida a D. Fernando e muitas outras preciosidades que para as poder melhor apreciar, D. Affonso XIII esteve confrontando com os catalogos; na «Sala de D. José I», onde se encontram alguns notaveis modelos de canhões e espingardas e as estatuas de madeira dourada symbolisando o Valor, Fidelidade, Vulcano e o Genio da Guerra, que são o ornamento da sala; na «Sala de D. João I», as bellas estatuas tambem em madeira dourada Neptuno e a Arte, duas telas de Arthur de Mello representando João Pinto Ribeiro e os conjurados de 1640 e o pavilhão de D. João V que era arvorado na fortaleza d'Elvas; na «Sala Affonso

VISITA DE S. M. D. AFFONSO XIII A LISBOA

S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I
NO COCHE REAL

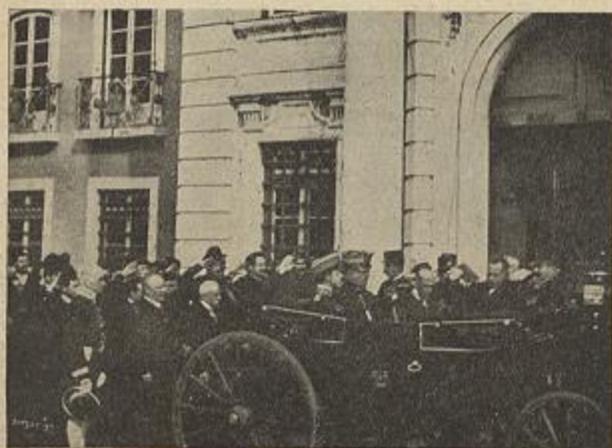
O CORTEJO REAL JUNTO A ESTAÇÃO DO ROCIO AGUARDANDO A CHEGADA DE S. M. AFFONSO XIII

S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I
ANTES DE ENTRAREM NO COMBOIO
PARA CINTRA

PASSAGEM DO CORTEJO REAL EM SANTOS

S. M. A RAINHA D. AMELIA NA JANELLA DO PAÇO DE BELEM
AGUARDANDO A CHEGADA DE D. AFFONSO XIII

S. S. M. M. A RAINHA D. AMELIA E D. AFFONSO XIII
A BORDO DO «CARLOS V»

S. S. M. M. REGRESSANDO DE BORDO DO «CARLOS V»

VISITA DE S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I
AO MUSEU DE ARTILHERIA — A CHEGADA

VISITA DE S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I
AO MUSEU DE ARTILHARIA — A SAHIDA

VISITA DE S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I
AO CASTELLO DE S. JORGE

S. S. M. M. D. AFFONSO XIII E D. CARLOS I NA PARADA
DO CASTELLO DE S. JORGE RECEBENDO A CONTINENCIA

d'Albuquerque», onde estão os bustos de Albuquerque, D. Duarte de Menezes e Francisco d'Almeida, esculpturas de Costa Motta Sobrinho; na «Sala dos explosivos» as collecções de projecteis e modelos de peças de grande valor historico; na «Sala da Europa» as allegorias das nossas campanhas: tomada de Lisboa, o voto de Nun' Alvares e a batalha de Montes Claros, diversos modelos de carros de guerra, e a medalha commemorativa da fundição da estatua de D. José; na «Sala d'Africa», os instrumentos de guerra africanos, os «panneaux» de Columbano representando a entrada de D. Affonso V em Tanger, a conquista de Ceuta, a passagem do Cabo das Tormentas por Bartholomeu Dias e a figura allegorica da Africa; na «Sala Asia» os «panneaux» representando Affonso d'Albuquerque recebendo a embaixada, o desembarque de Vasco da Gama e a Tomada de Diu; na «Sala America» os «panneaux» ainda de Columbano, do descobrimento da America e o levantamento do primeiro padrão no Brasil e o tratado antiquissimo de artilheria, com a data de 1700; na «Sala dos Marechaes» a grande collecção de armas antigas, capacetes, fardamentos e outros apetrechos que serviram na guerra peninsular e os retratos dos marechaes de 1833, Saldanha e Duque da Terceira.

Em seguida D. Affonso XIII inscreveu o seu nome no livro dos visitantes, e dirigiu-se ainda á «Sala Chaimite», sala consagrada ás nossas ultimas victorias d'Africa, despedindo-se do sr. general Castel-Branco, director do museu, mostrando-se agradavelmente impressionado pela grande riqueza historica que guardam todas as salas d'aquelle edificio a seu cargo.

Na visita ao Castello de S. Jorge D. Affonso XIII viu todas as dependencias, admirou o bello panorama da cidade que se disfructa do Castello, e, depois de egualmente deixar inscripto o seu nome no livro dos visitantes sahiu d'ali com S. Magestade El-Rei.

O Senhor D. Carlos antes de se retirar pediu ao sr. tenente coronel Sousa Machado a espada que o valente official cingia e, que, como se sabe, lhe fôra offerecida pelos officiaes da sua arma, em testemunho de admiração pelos seus feitos nas campanhas d'Africa, e mostrando-a ao monarcha hespanhol explicou ao joven rei o que aquella arma symbolisava.

Já passava do meio dia quando D. Affonso XIII chegou á legação hespanhola onde foi servido o almoço, seguindo-se depois a recepção da colonia.

Perto das 2 horas e meia o rei de Hespanha saiu da legação dirigindo-se para a Tapada d'Ajuda onde assistiu ao tiro aos pombos, visto não se poder realisar a corrida de touros em razão do mau tempo.

No torneio que terminou ás 5 horas da tarde realisaram-se tres *poules*, sendo a terceira *double*.

A primeira *poule* foi ganha por D. Affonso XIII e as duas ultimas por El-Rei D. Carlos.

O premio da primeira *poule* era uma riquissima amphora de prata cinzelada, offerta do sr. conde de Penha Longa e trabalho da joalheria «Boin-Taburet» de Paris.

D. Affonso ao receber o seu premio agradeceu a gentileza da offerta, que na verdade constitue um verdadeiro objecto d'arte.

Ao baile que n'essa noite se realisou no palacio d'Ajuda, assistiu, além de D. Affonso XIII, Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha D. Maria Pia, Rainha D. Amelia, Principe D. Luiz Filippe, as principaes dignidades da côrte, comitiva hespanhola, officiaes das esquadras hespanhola e ingleza, etc.

O baile durou até á 1 hora e meia da noite executando a orchestra da Real Camara, sob a regencia do distincto maestro Rio de Carvalho o seguinte reportorio:

«Toutinegra do Templo», «Sourire d'Avril», «Bobeche», e «Aprés-toi».

Um dos numeros do programma era o almoço a bordo do couraçado *Carlos V*, offerecido por D. Affonso XIII á familia real portugueza, e que se realisou á 1 hora e meia da tarde do dia 12, na camara do commandante, sendo a bateria e coberta onde estão os alojamentos dos officiaes do navio dispostos para ali se servir o almoço ás comitivas regias e aos convidados do monarcha hespanhol.

Ao almoço assistiu toda a familia real, á excepção do sr. infante D. Affonso, que por incommodo de saude não tomou parte nos festejos, e do sr. infante D. Manuel.

A' mesa regia presidiu El-Rei D. Affonso XIII, que tinha á sua direita El-Rei D. Carlos e Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, e á esquerda Sua Magestade a Rainha D. Amelia e o principe real.

A' outra mesa presidiu o duque de Sotomayor, mordomo-mór da casa real hespanhola, tendo á sua direita o sr. presidente do conselho e á esquerda o sr. D. Luiz de Polo Bernabé, ministro de Hespanha n'esta côrte.

De volta do couraçado *Carlos V*, Suas Magestades foram á camara municipal onde eram aguardados, tendo sido armado um throno na sala das sessões, no qual tomaram logar a partir da esquerda na seguinte ordem: Sua Magestade a Rainha sr.ª D. Amelia, Rei de Hespasha, El-rei D. Carlos e Sua Magestade a rainha D. Maria Pia.

Em seguida o sr. coude d'Avila proferiu uma allocução a que respondeu D. Affonso XIII, correspondido com calorosos vivas, encaminhando-se depois o cortejo para a sala da presidencia onde o monarcha hespanhol inaugurou o «Livro de Ouro», inscrevendo o seu nome no alto da primeira pagina.

Este livro é destinado a recolher as assignaturas de todos os chefes de estado, que de futuro venham visitar Portugal. E' trabalho da Livraria Ferin, que tem n'elle um dos mais bellos attestados da notavel perfeição com que ali se executam todas as obras.

São de pergaminho as paginas do «Livro de Ouro», com cercadura a ouro e purpura tendo impresso no ante-rosto «Livro de Ouro da Camara Municipal de Lisboa» e no rosto «Livro de ouro destinado a perpetuar a visita dos soberanos e chefes de estado á mui nobre e leal cidade de Lisboa.»

E' encadernado em couro da Russia liso, com applicações a ouro, forrado de sêda branca, com moldura dourada verdadeiramente artistica.

Da sala de presidencia passaram Suas Magestades ao gabinete do secretario da camara, onde foi servido o *lunch*

Ali D. Affonso XIII fez o seguinte brinde:

«Bebo á vuestra salud, señor presidente, á la de la commision administrativa que tan dignamente presidio, á la prosperidad y á la grandeza de esta hermosa ciudad y del heroico e hidalgo pueblo portuguez».

Em nome da cidade agradeceu o sr. conde d'Avila, que tambem brindou á prosperidade e grandeza do povo hespanhol.

Perto das 5 horas da tarde retiraram-se Suas Magestades, sendo já noite quando os coches de gala deram entrada nos paços reaes.

No dia seguinte, 13, realisou-se a missa no grandioso templo dos Jeronymos a que assistiram os soberanos de Portugal e Hespanha, comitiva regia e muitos convidados.

A missa foi celebrada pelo rev.º monsenhor Sá Pereira, secretario do sr. cardeal patriarcha, acolytado pelo rev.º Nunes Leal, prior da freguezia, tendo por mestre de cerimonias o rev.º José Augusto Maria da Silva, capellão da casa real.

Durante a missa, executou a banda da guarda municipal, sob a regencia do maestro Taborda a phantasia «Angelus» de Massenet, e a phantasia da «Cavallaria Rusticana.»

Depois da missa o soberano hespanhol visitou os claustros, o tumulo de Alexandre Herculano e outras dependencias da Casa Pia.

Formados nos claustros com a respectiva banda estavam os alumnos d'aquelle estabelecimento de caridade.

A banda executou á entrada de Suas Magestades os hymnos hespanhol e portuguez, saudando D. Affonso XIII com vibrantes salvas de palmas, que o monarcha agradeceu reconhecido.

Passando á sala da recepção Suas Magestades inscreveram o seu nome no livro dos visitantes, sendo n'essa occasião offerecidos pelo sr. Costa Pinto tres livros primorosamente encadernados com a monographia do mosteiro dos Jeronymos.

Terminada a visita Suas Magestades dirigiram-se para o apeadeiro organisado na doca de Belem onde tomaram logar no comboio real que os conduziu a Cintra.

Ali, na plataforma da estação formava a banda União 1.º de Dezembro, de S. Pedro de Cintra, com o seu estandarte, vendo-se tambem o elemento militar e civil profusamente representado, muitas senhoras, povo, officiaes das esquadras hespanhola, ingleza, etc.

Perto das 11 horas o comboio real entrava nas agulhas, levantando-se estrepitosos vivas ás familias reaes de Hespanha e Portugal.

Depois d'uma curta recepção na sala de espera organisou-se o cortejo que acompanhou ao Paço de Cintra o monarcha hespanhol, El-rei D. Carlos, Sua Magestade a Rainha D. Amelia e o Principe Real.

No trajecto foram os monarchas sempre acclamados pelo povo agglomerado nos passeios lateraes.

A' uma hora e um quarto começou o almoço offerecido por Sua Magestade a Rainha sr.ª D. Maria Pia e que foi servido na sala dos Cysnes.

No logar de honra da mesa real tomou assento o Rei de Hespanha, dando a direita á sr.ª D. Joanna Hintze Ribeiro e á esquerda a sr.ª marqueza de Fayal. Em frente tomou logar a sr.ª D. Maria Pia, dando a direita ao sr. Polo de Bernabé e a esquerda ao sr. D. Faustino Rodriguez S. Pedro. Do outro lado da meza estava Sua Magestade El-rei dando a direita á sr.ª ministra de Hespanha e a esquerda á sr.ª marqueza de Unhão, vis-a-vis a Rainha sr.ª D. Amelia, dando a direita a Sua Alteza o principe real e a esquerda ao sr. Hintze Ribeiro.

A mesa achava-se ornada artisticamente de flôres e arbustos.

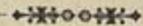
S. Magestade D. Affonso XIII quando soube que a banda dos marinheiros estava tocando no palacio, mostrou desejos de ouvir a marcha que pelo maestro Cheu lhe foi dedicada, tendo-lhe sido entregue a partitura n'uma luxuosa pasta de seda.

A's 2 horas terminava o almoço e pouco depois organisava-se o cortejo retirando-se Suas Magestades para Lisboa no comboio real, que se pôz em marcha dirigindo-se para o apeadeiro do Campo Pequeno, onde eram esperados pelo sr. governador civil e varias dignidades officiaes.

JORNALISTAS ESPANHOES

No grupo que hoje apresenta a nossa revista copia de uma photographia do sr. Antonio Novaes estão representados os principaes periodicos da imprensa hespanhola, pelos seus redactores ou proprietarios que vieram assistir aos festejos de El-Rei D. Affonso XIII.

Figuram n'esse grupo os srs. marquez de Valdeiglezias, director da *Epoca*; Jayme Tur, do *Globo*; Domingos Blanco, do *Diario Universal*; Blas Aguilar, da *Correspondencia de España*; Francisco Plaza, do *Heraldo de Madrid*; Eduardo Muñoz, do *Imparcial*; Borrajo, da *Epoca*; Francisco Asenjo, do *Blanco y Negro*.

O Occidente prestando esta devida homenagem aos seus collegas hespanhoes, associa-se assim ás cordeaes manifestações de sympathia com que a imprensa de Lisboa acolheu os jornalistas da nação visinha.

Livro de Leitura Para as Escolas de Instrucção Primaria

Pela nova reforma dos estudos primarios o Conselho de Instrucção Publica organisou o programma dos livros que deviam ser adoptados nas escolas respectivas e abriu concurso para a confecção d'esses livros, subordinados ao dito programma, que não viremas aqui discutir, pois que o nosso fim é tão sómente apreciar o trabalho de D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão no *Livro de Leitura* preferido no concurso.

D. João da Camara

Dado o programma, o livro, composto de contos originaes e de trechos de auctores portuguezes, satisfaz plenamente e justifica a preferencia do Conselho de Instrucção Publica.

Lêmos paginas que nos deliciram e que serão encanto para as creanças indo-lhe formando o espirito, incutindo-lhe sentimentos bons, elevados, ao mesmo tempo que as vão preparando para estudos mais complexos.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

A par dos originaes e traducções, trechos de Castilho, de Bernardes, do Padre Antonio Vieira, de Frei Luiz de Souza, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Antonio Candido, João de Deus, João de Lemos, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Latino Coelho e mais auctores escolhidos, mestres da lingua e de elevado conceito em seus escriptos.

Os trechos da Historia Alegre de Portugal, de Pinheiro Chagas, são de molde a dar á creança noções da historia patria sem a fatigar, antes recreando-a.

Não tem menos valor as historietas que lhes falam das coisas praticas da vida como *Solo agricola, O thermometro, A saude, A alimentação, O vinho, A limpeza do corpo, O oceano aereo, O que é o ar? A combustão, Medidores do tempo, A respiração* etc. e d'este genero mais desejariamos encontrar n'este livro, pois é certo quanto mais noções da vida pratica se possam ministrar á creança, sem fadiga, ao alcance da sua infantil intelligencia, melhor se aproveitará a memoria e o tempo, e maior somma de conhecimentos adquirirão aquellas, que não poderem ir além da escola primaria.

RAUL BRANDÃO

E felizes dos que a ella chegam e a aproveitam, no meio de tantos milhares de analphabetos que é a ruina da sociedade portugueza.

D'aqui felicitamos D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão que, com tanta arte e conhecimento confeccionaram o *Livro de Leitura para as escolas de instrucção primaria.*

Representa elle um bom passo dado no ensino primario. Um bocadinho andado n'este caminho já faz bem. Oxalá se possa de todo romper com a rotina, com theorias caducas e entrar n'um caminho desafogadamente pratico, em que se aproveite mais o tempo sem se cançar e atrofiar o espirito da creança desde a escola primaria.

C. A.

Lenda de Ulrico, o assassino

(De *Paulo* GENÈVE)

(Conclusão)

Tão magestatica como no primeiro dia, a egreja permanecia firme com a cruz de bronze a desapparecer nas nuvens, e o conde transia de horror ao pensar que não havia quem a demolisse para elle morrer! N'esta afflictiva ideia, chamou a si todos homens reputados como mais possantes. Appareceu o cavalleiro negro, que nunca achára quem o vencesse; Weghauser, o caçador que matava um urso ao abraçal-o; Baumgartner, o lenhador, que arrazava carvalhos d'uma só machadada; em seguida os pedreiros; mas nenhum se arriscava a tal empreza apezar dos ridentes offerecimentos do decadente conde Ulrico. Espalhou-se até o boato de que o conde ensandecêra, por pedir uma cousa humanamente impossivel. E ha cincoenta annos que Ulrico rogava a Deus a morte, o fim ao seu horrivel viver; bastas vezes pegava no punhal para o cravar no peito, mas uma força inexplicavel obrigava-o a retroceder, chegando a arma a cair-lhe das mãos.

Cincoenta annos passaram ainda... Uma noite —estava-se então no meado do seculo XIV—Um homem negro, com a face crestada, vestido de preto, atravessou as dependencias do palacio e, estacando á entrada do quarto de Ulrico, saudou-o, dizendo que era elle por quem o conde anceiava e era elle quem havia de derrubar a egreja e a cruz de bronze!... O velho estremeceu; e notando quem lhe falava fez um gesto de desdem, declarando que estava caçoando com elle, pois que os mais rudes soldados que eram possantes, e os gigantes não tinham ousado tentar tal empreza, quanto mais o interlocutor que era fraco, pequeno, sem vigor e sem musculos ..

Comtudo o mysterioso personagem repetiu desassombradamente que arrasaria o templo, apenas com umas condições que expoz.

Um monge de Moguncia conhecia um pó maravilhoso. Dar-lhe-ia um sacco d'esse pó em troca d'um sacco d'ouro .. A voz do desconhecido produziu effeito porque, agarrando-o por um braço, levou-o a um armario secreto onde havia moedas de Carlos-Magno, *gulden*, denarios de Otto III, augustos d'ouro do imperador Frederico e *bacteatas* d'ouro e prata batida com os sellos do arcebispo Vichunma, Henrique, o Leão dos *margraves*, de Brandeburgo e de Frederico Barbaróxa. Havia tambem pêças desconhecidas, marcadas com signaes indestrinçaveis e que se dizia serem trazidas dos paizes orientaes por um antepassado de Ulrico... Com um gesto o velho mostrou-lhe esse dinheiro dizendo que lhe pertencia se derruisse a egreja.

Sem responder o homem levou um sacco e foi-se, promettendo voltar breve; e, ao cabo de tres dias appareceu e collocou-o cuidadosamente n'uma torre do palacio cheio de pó maravilhoso; levou nova porção de dinheiro e assim durante tres mezes; só deixou de levar os saccos quando não viu um ceitil no armario. Então deixou ahi ficar fechado até á tarde seguinte o conde, porque desejava ser só para a execução do seu projecto. A' hora marcada veiu libertal-o, dizendo-lhe que estava contente com a paga e com a sua obra, e despediu-se. O conde Ulrico ouviu-o rir do outro lado da muralha.

Subitamente, no meio d'um grande socego, ouviu-se o ruido formidavel d'uma explosão e os aldeões viram n'uma parede da egreja uma enorme brecha, ante a qual se via o velho Ulrico, não alcachinado e apoiado ao bordão, mas direito. Passado algum tempo ouviu-se segunda explosão. Uma estatua de madeira incandescente foi projectada de recochete ainda sobre o tecto d'uma cabana que se incendiou; muitos aldeãos foram attingidos por fragmentos de pedra, e outros refugiaram se n'uma collina crendo que era o fim do mundo. As explosões succederam-se, e só a torre se mantinha firme d'entre as ruinas. O fogo da cabana propagou-se com um extraordinario incremento. Sentiu-se um desabamento e no campanario, que tremeu na sua base, o sino badalou lugubremente.

Então das ruinas da egreja surgiu lentamente uma forma phantastica; ouviu uma casquinada de riso, clara e ronica, ao mesmo tempo que uma voz sevéra lhe dizia quasi em segredo:

—*Conde Ulrico, eu vingo-me!*

Ulrico, o assassino comprehendeu o riso, recordou-se da voz e no seu espirito aterrado perpassou como um relampago a horrivel visão d'um castigo sem esperança.

Já não era uma visão, era uma realidade.

Dos escombros da egreja ergueu-se um corpo decapitado que avançava gravemente com o braço erguido. E, como o punho do cavalleiro-phantasma caía sobre a sua cabeça, Ulrico lembrou-se de ter, outr'ora levantado o braço para um homem sem defeza.

Então caiu de costas, inteiriçado, morto, esmagado pelo crime...

*
* *

E' esta a lenda do conde Ulrico, o assassino, consoante se conta ainda nas margens do Rheno. Mentre oguncia e Carlsruhe.

Trad. *Henrique Marques Junior.*

POLITICA EM PORTUGAL

IV

Promulgação insolita e despropositada—Em 13 de maio de 1896, sanccionou-se entre nós uma lei de severidade tão excessiva que quasi pode ser denominada de barbara, aquella que submette individuos paizanos á alçada de tribunaes militares.

Harmonisa-se logicamente o rigor de punição com o principio inviolavel de disciplina a que é forçoso compellir todas as unidades de que se compõe o exercito; é até um ponto que não admitte discussão.

Porém, os preceitos applicaveis pelos codigos de justiça militar ás differentes infracções e delictos de pessoas que fazem parte da força armada não sustentam a mesma regra de proporção com quaesquer actos dignos de castigo praticados dentro dos limites de fôro civil.

Os homens que trabalham nas dependencias dos ministerios da Guerra e Marinha não adquirem por essa circumstancia a qualidade de militares.

A menos que não tenham praça assente são para todos os effeitos de classe civil.

Até á data da innovação a que me refiro fôram entregues os delinquentes de taes estabelecimentos do Estado ao Juiz dos tribunaes ordinarios e não creio que deixassem de ser punidos.

Haveria ultimamente necessidade de tomar medidas coercivas e draconianas?

E' especialmente com bons regulamentos de serviço interno, perfeitamente cumpridos, que se mantem a ordem e se respeitam as categorias.

Escrevendo de Dracon disse o erudito Barthélemy na *Viagem do joven Anacharsis na Grecia* «mas elle só produziu descontentes, e os seus regulamentos excitaram tantos murmurios que foi obrigado a retirar-se para a ilha de Egina...»

A pena imposta ha annos a um operario serralheiro do Arsenal do Exercito é de molde a produzir este effeito.

Poderá contêr bellezas para mim desconhecidas, o systema de legislação criminal militar posto em pratica relativamente a paizanos; o que, todavia, suponho ninguem considerará como duvidoso é o cruel excesso de comminação a que o dever de officio dos julgadores os coagirá ao lavrar a sentença no conselho de guerra.

Dizia com o maior acêrto no relatorio do *Codigo Penal Portuguez*, em 1861, o dr. Levy Maria Jordão: «Quando a lei, desprezando esta harmonia (*do principio objectivo com o subjectivo*) tenta fazer exclusivamente prevalecer qualquer d'esses principios, as consequencias, como a historia testemunha, são sempre funestas, já na classificação dos delictos e na gradação da criminalidade, já na applicação da pena correspondente.»

A feição caracteristica de cada epoca, a indole do povo, o meio em que se encontra, tudo isto deve preoccupar o legislador sisudo e nunca o desejo de imitação.

«O mal retribuido pelo mal, ao auctor e em porporção d'este mal»—conviria que fosse a unica norma visada na confecção de leis penaes: chama-lhe Rossi com inteira propriedade no *Tratado de Direito Penal:* «principio eterno e immutavel.»

Tudo o que em materia crime sae fóra das verdadeiras raias que definem o grau de gravidade do acto punivel, longe de serenar as perturbações succedidas irrita mais o agente e exaspéra o animo de extranhos.

A condemnação do delinquente a uma penalidade monstruosa em relação ao delicto de que era accusado e de que foi convencido, preparalhe uma situação de angustia que em breve faz obliterar da memoria do publico a causa que a creou para só vêr no reu a victima indefêza de leis demasiado asperas.

«Em uma nação livre por outra parte, disse Joseph Salvador em seu bellissimo trabalho *Historia das instituições de Moysés e do povo hebreu*, a lei pode mostrar-se severa sem cessar de ser humana.»

A lei de 13 de maio de 1896 não é severa visto haver cunho barbaro, e não é humana pelo motivo peremptorio de ser cruamente selvagem.

E' tempo, todavia, de remediar-lhe os defeitos tornando-a a silencio de inutilidades e deixando ao codigo penal ordinario o que em verdade não diz respeito a fôro militar. Que a Allemanha possa e deva adoptar a legislação marcial em toda a extensão de seu territorio, não é caso para demonstração exotica attendendo á educação geral de militarismo ali reinante; mas que em Portugal se pretenda implantar um regimen simil, em diametral opposição com as condições de meio e com a

indole soffredora do povo, é proceder temerario de incongruencia irremissivel.

A questão merece o estudo cuidadoso do governo, ao qual cabem as responsabilidades superiores de administração publica.

O vento de indisciplina que sopra no mundo com enorme violencia de intensidade, não se detem diante da barreira de codigos deshumanos, patenteando lamentavel confusão de interpretações: só se conseguirá moderar-lhe a furia de impeto mediante atilada coherencia e salutar equidade.

E' sobretudo no acêrto da escolha de homens que hão de dirgir outros homens seus subordinados que consiste o segredo de manutenção desordem dentro de estabelecimentos e de officinas.

Não é mister converter operarios paizanos em soldados para o effeito de responder ás justiças militares pelos actos criminosos que pratiquem, mas contel-os nos devidos limites de respeito a seus mestres, obrigando estes a guardar as naturaes distancias na maneira de conducta e sendo inflexivel na execução de regulamentos.

A prova cabal d'este facto está na existencia ordeira e mesmo sympathica de muito pessoal de varios estabelecimentos do Estado e de particulares, a cuja frente se acham individuos dotadosde nobre energia e de caracter sério e illustrado.

A necessidade imperiosa de castigar promptamente as faltas commettidas nunca justifica invenções penaes que se não coadunam com a feição especial do seculo e o sentimento irresistivel e victorioso de tolerancia.

«Felizmente, dizia Salvador na obra já citada, em cada dia augmenta a auctoridade dos principios que mais honrarão nossa epoca: tratar o accusado como se elle fosse innocente até á hora em que a prova da sua culpabilidade se manifesta; punir o acto culpavel com pezar de não poder separal-o do homem que o praticou: taes são os verdadeiros exemplos a dar: além d'isto, não é já a lei que ordena, mas uma força cega, barbaridade.»

E' triste mania de portuguezes julgar que a melhor forma de progresso e de aperfeiçoamento moral reside na copia escrupulosa e na transplantação leviana para a terra da patria de coisas preconisadas no estrangeiro.

(Continúa). *D. F. de Noronha.*

Visita de S. M. D. Affonso XIII a Lisboa

OS JORNALISTAS HESPANHOES EM LISBOA

(Instantaneo do sr. A. Novaes)

Preço d'assignatura d'O OCCIDENTE

	Anno	Semestre	Trimestre
Portugal (franco de porte moeda forte)	3$800 réis	1$900 réis	950 réis
Colonias (moeda forte)	4$000 »	2$000 »	
Estrangeiro (moeda forte)	5$000 »	2$500 »	

NUMERO AVULSO OU A' ENTREGA 120 RÉIS